

# Novo fragmento da inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja)

---

\*DGPC  
afaria@dGPC.pt  
\*\*UNIARQ, Centro de Arqueologia, Faculdade de Letras, 1600-214 Lisboa  
ruigusmao@hotmail.com  
\*\*\*C2TN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Estrada Nacional 10 (km 139,7), 2695-066 Bobadela LRS  
amsoares@ctn.ist.utl.pt

António Marques de Faria\*  
Rui M. G. Monge Soares\*\*  
António M. Monge Soares\*\*\*

**Resumo** Um fragmento da pequena lápide com inscrições em caracteres do Sudoeste em ambas as faces, proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja) e já publicado, foi completado, em parte, por um outro fragmento contíguo da mesma lápide, recentemente descoberto, o que permite confirmar algumas das inferências do primeiro estudo, além de se obter uma transcrição mais completa da linha inscrita numa das faces. O contexto arqueológico donde provém, ainda mal definido, dada a ausência de escavações arqueológicas na Folha do Ranjão, tem contudo paralelos na cultura material registada em outros pequenos sítios da região recentemente identificados.

**Abstract** A fragment of a small engraved slab with South-Western inscriptions on both faces found at the archaeological site of Folha do Ranjão (Baleizão, Beja), already studied and published, was partially completed by another contiguous fragment of the same slab recently discovered. This new fragment allows to confirm some of the inferences of the first study, as well as to get a longer transcription of one of the lines engraved in the slab. The archaeological context of the slab is still badly known due to the lack of archaeological excavations. Nevertheless, the Early Iron Age material culture that was collected at Folha do Ranjão has also been recorded at other small sites recently identified in the region.

## Introdução

Em Outubro de 1997, durante uma prospecção arqueológica efectuada no sítio denominado Folha do Ranjão, freguesia de Baleizão, concelho de Beja, foi encontrado um fragmento de placa em xisto inscrita nas duas faces em caracteres do Sudoeste (Faria & Soares, 1998). O sítio, ou, mais especificamente, uma fossa descoberta na periferia do sítio,

aquando da abertura da Estrada Nacional, foi dado a conhecer por Pereira (1976–1977, p. 73), que publicou o espólio — um vaso de boca elíptica de cronologia calcolítica — encontrado na estrutura negativa. Posteriores recolhas superficiais de artefactos cerâmicos e líticos permitiram identificar várias ocupações humanas na Folha do Ranjão, atribuíveis nomeadamente ao Calcolítico, Bronze Final, Idade do Ferro, Época Medieval e Época Contempo-



lidade da inscrição gravada na face A, pelo que o comprimento total do suporte não seria muito superior aos 8,8 cm que hoje apresenta. Partindo do pressuposto de que o texto se encontra completo, não nos repugnaria interpretá-lo como um NP, passível de ser relacionado com BOIECI (gen.) (HEp 14, 2007), caso o valor fonémico a atribuir a Y não colidisse com tal aproximação. Contra a individualização de um só lexema poderia invocar-se a excessiva distância entre o segundo e o terceiro signos; não cremos, no entanto, que o espaço em causa justifique a identificação de um limite (ou juntura) de morfemas.

Antes de nos debruçarmos sobre o signo central e sobre os problemas que o mesmo suscita, vale a pena tecermos algumas considerações a respeito de  $\square$ , o grafema inicial. A sequência gráfica  $\square$  constitui uma clara confirmação daquilo que já havíamos observado aquando da publicação do primeiro fragmento: estamos perante um texto em que se observa integralmente a regra da redundância vocálica, um fenómeno que caracteriza a grande maioria das estelas do Sudoeste (Correa, 1995, pp. 612–613, 2009a, pp. 277–279, 2011, pp. 106–107). É bem evidente que, no alógrafo em questão, as hastes verticais ultrapassam ligeiramente as horizontais (excepto no canto superior direito), sendo esta a configuração que o mesmo silabograma apresenta na 2.ª e na 4.ª linhas do texto gravado na estela de Mértola (Faria, 1994, pp. 61, 63, MLH IV, p. 334; *contra*, Koch, 2009, p. 70). Recordemos que a transliteração da 2.ª linha desta mesma estela, uma vez considerados perdidos os dois primeiros signos, é a seguinte:  $[-]P^{\circ}a^{-e^2}ea$ . Rodríguez (2000, p. 42), que encarou erradamente a 2.ª linha como sendo a 1.ª, leu a dita sequência como  $]T^{\circ}aC^{\circ}ea$ , atribuindo ao primeiro signo o valor de  $\langle T^{\circ} \rangle$  ou de  $\langle T^{\circ} \rangle$ , variável em função da vogal subsequente. Vale a pena referir que já era esta, *grosso modo*, a exegese adoptada por Correa (1996a, pp. 71–72 e n. 28), ao confundir o grafema em apreço com um  $\mathbb{H}$  ( $\langle T^{\circ} \rangle$ ). A interpretação da 4.ª linha da dita estela não oferece grandes dificuldades:  $aiP^{\circ}o$ . A sequência  $iP^{\circ}o$  parece figurar igualmente na 3.ª linha da inscrição funerária, em *boustrophedon*, de Barradas (Benafim, Loulé) (MLH IV, p. 231:  $iP^{\circ}orinoeP^{\circ}o$ ; Faria & Soares, 1998, p. 156:  $]iP^{\circ}orii[$ ). Talvez não seja mera coincidência a semelhança fonémica entre  $aiP^{\circ}o$  e  $aiPon$ , presumível NP reproduzido em

caracteres meridionais, por duas vezes, numa pátera de prata de Santiago de la Espada (Jaén) (MLH III, 2, pp. 642–644; Faria, 1990–1991, pp. 75, 81). Koch (2009, p. 70, 2010, pp. 249, 283, 2011, p. 148), por sua vez, considera  $aiP^{\circ}o$  um lexema declinado no dativo-ablativo do plural.

Voltando à placa da Folha do Ranjão, chegou agora o momento de analisar o mais controverso dos signos que compõem o texto nela inscrito. Diversamente do que se verifica com o 3.º e o 7.º signos, também fracturados nas respectivas bases, a ruptura que afecta o grafema localizado na quarta posição obsta a uma cabal definição do respectivo formato, inviabilizando, por conseguinte, a identificação do correspondente valor fonémico. Aparentemente, estaremos perante um Y (De Hoz, 2010, p. 621, Cuadro 2.1b, S89), ainda que, em alternativa, possamos considerar que se trata de um  $\mathbb{Y}$  (De Hoz, 2010, p. 621, Cuadro 2.1b, S92) truncado na extremidade inferior. Em conformidade com semelhante hipótese, contaríamos com mais um exemplo deste raríssimo signo, também atestado na estela de Mértola (Faria, 1994, p. 62) e na de Monte Gordo (Rosário, Almodôvar) (Guerra, 2013, p. 328). Refira-se que  $\mathbb{Y}$  ocorre ainda, conquanto em posição isolada, num grafito cerâmico *ante cocturam* documentado no castro de Villasviejas del Tamuja (Botija, Cáceres) (Correa, 1996a, p. 71, n. 26). Presumindo que Y não passa de um  $\mathbb{Y}$  truncado no terço inferior, a afinidade formal entre este último grafema e  $\zeta$ , o *zayin* fenício, faz-nos crer que estaremos na presença de uma sibilante palatizada ou sonorizada (Faria, 1994, p. 62; Valério, 2008 [2009], pp. 131, 132), hipótese que, de resto, se coaduna com as reservas expressas por Correa (2009b, pp. 299–300 e n. 19) relativamente à interpretação do referido signo como silabograma de oclusiva oral. Esta proposta não é incongruente com o facto de o grafema subsequente a Y ser  $\circ$  (/e/) na nossa placa — no caso de Y constituir uma forma mutilada de  $\mathbb{Y}$  —, não havendo, tão-pouco, qualquer incompatibilidade entre a nossa transliteração e a ocorrência de  $\mathbb{Y}$  (/i/) a seguir a  $\mathbb{Y}$ , tanto na estela de Mértola como na de Monte Gordo. Efectivamente, ambos os fonemas vocálicos são passíveis de explicar a palatização ou a sonorização de uma sibilante contígua. Não pode, em todo o caso, ser excluída a eventualidade de  $\mathbb{Y}$  configurar um sila-

bograma em <sup>-i</sup> (Faria, 1994, p. 62; Correa, 1996a, p. 71; Guerra, 2013, p. 328). A preferência de Rodríguez (2000, p. 42), que o considera alógrafo de <sup>↑</sup>, vai para <b<sup>i</sup>>, pendendo De Hoz (2010, pp. 380 e 382, n. 463), em contrapartida, para <C<sup>e</sup>>, ao tê-lo por variante de S81 (Q). Convirá assinalar que, independentemente do acerto da conjectura formulada por Rodríguez, a comparação de **norP<sup>i</sup>ion**, lexema alegadamente gravado na estela de Mértola, com o NL *Norba Caesarina* (Rodríguez, 2000, p. 42), de nítida importação itálica (intermediado, ou não, por um *nomen latino*), é, sob qualquer prisma, completamente inadmissível. De qualquer modo, mesmo que <sup>Y</sup> seja o signo gravado na placa em estudo e não consista num <sup>Y</sup> desprovido do terço inferior, as considerações expendidas nas linhas anteriores em sentido contrário mantêm a sua validade no plano da valoração fonémica: em tal caso, <sup>Y</sup> — grafema cuja existência no signário do Sudoeste parece ter sido recentemente questionada por De Hoz (2010, p. 381, n. 463) — deverá corresponder a um silabograma em <sup>-e</sup> ou a um fonemograma, nada impedindo que, a confirmar-se esta última identificação, nos deparemos com uma sibilante. Quanto à cronologia da peça, os dados hoje ao nosso dispor, mesmo os mais recentes, publicados por Guerra (2013, pp. 326–331), não alteram substancialmente a perspectiva que expusemos acerca deste tema quando publicámos o primeiro fragmento (Faria & Soares, 1998, p. 156). Genericamente, os documentos em escrita do Sudoeste foram redigidos entre os séculos VII e V a.C. (Coelho, 1976, pp. 203–304; Gamito, 1991, p. 90; Correa, 1996b, pp. 239–241). Se é certo que as moedas de *\*Cantnipo*/*\*Beuipo* e o grafito de Garvão são bem mais recentes do que os restantes textos, não é menos verdade que tais testemunhos apresentam umas características de tal modo específicas que recomendam redobradas cautelas na sua atribuição ao sistema gráfico do Sudoeste (Correa, 1982, pp. 72–73, 1996b, p. 249, 1996c, *passim*; Faria, 1992, p. 40; Faria & Soares, 1998, p. 156).

### Considerações finais

Como foi inicialmente referido, aquando da primeira publicação da placa de xisto inscrita (Faria & Soares, 1998), a Idade do Ferro na zona média da bacia do Guadiana e em espe-

cial no que diz respeito ao território imediato em redor da implantação da Folha do Ranjão era ainda pouco conhecida, tendo desde então sido identificados e estudados uma série de sítios com ocupações dessa cronologia. Assim, ocupações datadas desde os finais da Idade do Bronze às primeiras manifestações de elementos próprios do Ferro Antigo foram identificadas no Castro dos Ratinhos (Berrocal & Silva, 2010; Soares & Martins, 2010, p. 413) e em Serpa (Antunes & *alii*, no prelo), a que se acrescentam pequenas ocupações rurais dos inícios da Idade do Ferro, como Passo Alto (Soares & *alii*, 2009), Torre Velha 3 (Alves & *alii*, 2010, 2013), Salsa 3 (Deus, Antunes & Soares, 2009, pp. 519, 522) e Atalaia da Insuína (Cosme, 2008) ou ocupações rurais de maior dimensão, de meados do I milénio, como Cabeço Redondo (Soares, 2012; Soares & Soares, no prelo) e Azougada (Antunes, 2009; Soares, 2012, pp. 11–30). Mais recentes são os aglomerados habitacionais de maior dimensão, já da segunda metade do milénio, presentes em Beja (Grilo, 2006, 2008), Moura (Soares, 2012, pp. 8–11), Castelo Velho de Safara (Costa, 2010; Soares, 2001), Castelo de Noudar (Rego, 2001), Misericórdia (Parreira, 1983, p. 156; Soares, 1996, pp. 103–116), Serpa (Braga & Soares, 1981; Soares & Braga, 1986) e Cerro Furado (Ribeiro & Ferreira, 1971, p. 257; Arnaud & Gamito, 1974–1977, p. 195; Lopes, 2003, p. 100). Por outro lado, no âmbito das escavações preventivas ligadas à construção da Barragem do Alqueva e da sua rede de rega, foram intervencionados vários sítios com ocupações sidéricas, tanto na margem esquerda do Guadiana (Albergaria & *alii*, no prelo) como na direita (Mataloto, 2004; Calado, Mataloto & Rocha, 2007; Calado & Mataloto, 2008), além das numerosas necrópoles da Idade do Ferro, recentemente descobertas em redor de Beja<sup>1</sup>, das quais constitui exemplo já publicado a necrópole de Palhais (Santos & *alii*, 2009; Valério & *alii*, 2013).

O panorama aqui referido revela, portanto, uma base comparativa alargada para a cultura material já conhecida na Folha do Ranjão, permitindo corroborar as suposições iniciais (Faria & Soares, 1998, p. 158) de estarmos perante uma pequena ocupação rural da I Idade do Ferro, a qual nos parece, por exemplo, contemporânea da ocupação sidérica do Passo Alto (Soares & *alii*, 2009), tal como se depreende das semelhanças entre as culturas mate-

<sup>1</sup> Várias destas necrópoles foram apresentadas no Encontro “*Sidereum Ana III «El Río Guadiana y Tartessos»*” (Mérida, 19 a 21 de Setembro de 2012).

riais de ambos os sítios: abundância de cerâmicas manuais, decorações plásticas com digitalizações, incisões sobre os bordos, linhas incisivas nas paredes; também as morfologias cerâmicas são comuns às fases de ocupação sidérica da Folha do Ranjão e do Passo Alto.

A implantação do povoado numa zona plana, de férteis solos agrícolas e próxima do rio Guadiana, permite supor que a sua actividade económica predominante encontrar-se-ia ligada a práticas agropecuárias, com paralelo na reali-

dade observada em pequenas ocupações com implantações semelhantes (Mataloto, 2004), ainda que a presença da escrita em caracteres do Sudoeste no artefacto alvo deste estudo, bem como a proximidade à via natural de passagem do Guadiana já referida, não deixem de sugerir outras possibilidades para as funções desta ocupação. Uma futura escavação arqueológica no sítio, que se encontra em preparação, permitirá esclarecer esta e outras questões.

### Agradecimentos

Agradece-se a José Paulo Ruas a realização das fotografias da placa de xisto.

### Bibliografia citada

ALBERGARIA, João; MELRO, Samuel; RAMOS, Ana Cristina; JORGE, Ana (no prelo) - *Ocupação proto-histórica da margem esquerda do Guadiana*. Beja: EDIA.

ALVES, Catarina; COSTEIRA, Catarina; ESTRELA, Susana; PORFÍRIO, Eduardo; SERRA, Miguel; SOARES, António M. Monge; MORENO GARCÍA, Marta (2010) - Hipogeus funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa, Portugal). *O Sudeste no Sudoeste?!*. *Zephyrus*. Salamanca. 66, pp. 133–153.

ALVES, Catarina; COSTEIRA, Catarina; ESTRELA, Susana; PORFÍRIO, Eduardo; SERRA, Miguel; (2012) - Torre Velha 3 (Serpa): dados preliminares. *Al-Madan online* (Junho 2012). [Em linha] S. 2, 17:1, pp. 31–38. [Consult. 28 Set. 2012]. Disponível em WWW: <URL:www.almadan.publ.pt/Último%20(geral)Adenda.htm>.

ANTUNES, Ana Sofia (2009) - *Um conjunto cerâmico da Azougada: em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

ANTUNES, Ana Sofia; SOARES, António M.; DEUS, Manuela de; SOARES, Rui Monge (no prelo) - Povoamento orientalizante na margem esquerda do Guadiana. Uma leitura a partir do Passo Alto e de Serpa. In *Sidereum Ana III «El Río Guadiana y Tartessos» (Mérida, 19 al 21 de septiembre de 2012)*.

ARNAUD, José Morais; GAMITO, Teresa Júdice (1974–1977) - Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal. I – Cabeço de Vaíamonte – Monforte. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3. 7–9, pp. 165–202.

BERROCAL RANGEL, Luis; SILVA, António Carlos (2010) - *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura): escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004–2007*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

BRAGA, José M. Rodrigues; SOARES, António Monge (1981) - Indícios de uma ocupação da Segunda Idade do Ferro no Castelo de Serpa. *Arqueologia*. Porto. 4, pp. 116–123.

CALADO, Manuel (2002) - Povoamento pré- e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-Madan*. Almada. Série 2. 11, pp. 122–127.

CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui; ROCHA, Artur (2007) - Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal). In RODRÍGUEZ DÍAZ, Antonio; PAVÓN SOLDEVILA, Ignacio, eds. - *Arqueología de la tierra: paisajes rurales de la Protohistoria peninsular*. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 129–179.

CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui (2008) - O Post-Orientalizante da margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo Central). In JIMÉNEZ ÁVILA, Francisco Javier, ed. - *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante, Mérida, 24–26 de mayo de 2006*. Mérida: Instituto de Arqueología, pp. 185–218.

- COELHO, Luís (1976) - Epigrafia prelatina del SO. peninsular portugués: algunos problemas arqueológicos y epigráfico-lingüísticos. In JORDÁ CERDÁ, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; MICHELENA ELISSALT, Luis, eds. - *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27–31 mayo 1974)*. Salamanca: Universidad, pp. 201–211.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1982) - Singularidad del letrero indígena de las monedas de Salacia (A.103). *Numisma*. Madrid. 177–179, pp. 69–74.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1995) - Reflexiones sobre la epigrafia paleohispánica del suroeste de la Península Ibérica: In *Tartessos: 25 años después, 1968–1993: Jerez de la Frontera. Congreso Conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular*. Jerez de la Frontera: Ayuntamiento, pp. 609–618.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1996a) - La epigrafia del Sudoeste: estado de la cuestión. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; ENCARNAÇÃO, José d', eds. - *La Hispania prerromana: actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13–15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, pp. 65–75.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1996b) - El pueblo de las estelas: un problema epigráfico-lingüístico. In *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural (curso de la U.I.M.P. - Valencia 4/9-X-1993)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, pp. 233–250.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1996c) - Grafito paleohispánico hallado en el depósito de Garvão (Ourique, Beja). *Spal*. Sevilla. 5, pp. 167–170.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2009a) - Identidad, cultura y territorio en la Andalucía prerromana a través de la lengua y la epigrafia. In WULFF ALONSO, Fernando; ÁLVAREZ MARTI-AGUILAR, Manuel, eds. - *Identidades, culturas y territorios en la Andalucía prerromana*. Sevilla: Universidad; Málaga: Universidad, pp. 273–295.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2009b) - Reflexiones sobre la lengua de las inscripciones en escritura del Sudoeste o tartesia. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 295–307.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2011) - La leyenda indígena de las monedas de Salacia y el grafito de Abul (Alcácer do Sal). In CARDOSO, João Luís; ALMAGRO GORBEA, Martín, eds. - *Lucius Cornelius Bocchus escritor lusitano da Idade de Prata da literatura latina. Colóquio Internacional de Tróia*. Lisboa: Academia Portuguesa da História; Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 103–112.
- COSME, Susana (2008) - O povoado da Atalaia da Insuinha (Pedrógão, Vidigueira). *Vipasca*. Aljustrel. 2.ª série. 2, pp. 171–179.
- COSTA, Teresa (2010) - *O Castelo Velho de Safara (Moura): elementos para o seu estudo*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado. Policopiado.
- DEUS, Manuela de; ANTUNES, Ana Sofia; SOARES, António Monge (2009) - Salsa 3 no contexto dos povoados abertos do Bronze Final do Sudoeste (Serpa). In PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio; ROMERO BOMBA, Eduardo, eds. - *Actas del IV Congreso de Arqueología del Suroeste (Aracena, 27–29 noviembre 2008)*. Huelva: Universidad, pp. 514–543.
- FARIA, António Marques de (1990–1991) - Antropónimos em inscrições hispánicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1992) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, pp. 39–48.
- FARIA, António Marques de (1994) - Uma inscrição em caracteres do Sudoeste achada em Mértola. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 61–63.
- FARIA, António Marques de; SOARES, António M. Monge (1998) - Uma inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 153–160.
- GAMITO, Teresa Júdece (1991) - Greeks and Phoenicians in South West Iberia: who were the first? Aspects of archaeological and epigraphic evidence. In FOSSEY, John M., ed. - *Proceedings of the first international congress on Hellenic diaspora from Antiquity to Modern Times. Vol. 1: From Antiquity to 1453*. Amsterdam: Gieben, pp. 81–102.
- GRILO, Carolina (2006) - *A Rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado. Policopiado.
- GRILO, Carolina (2008) - *A Rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja*. *Vipasca*. Aljustrel. 2.ª série. 2, pp. 261–268.

GUERRA, Amílcar (2013) - Algumas questões sobre as escritas pré-romanas do Sudoeste hispânico. In *Acta Palaeohispanica XI: actas del XI Coloquio Internacional de Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Valencia, 24–27 de octubre de 2012*. Zaragoza: Institución «Fernando el Católico»; Valencia Acadèmia Valenciana de la Llengua (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 13), pp. 323–345.

HEp = *Hispania Epigraphica*. Madrid.

DE HOZ BRAVO, Javier (2010) - *Historia lingüística de la Península Ibérica en la antigüedad. I. Preliminares y mundo meridional prerromano*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

KOCH, John T. (2009) - *Tartessian: Celtic in the South-west at the dawn of History*. Aberystwyth: CMCS Publications.

KOCH, John T. (2010) - Paradigm shift? Interpreting Tartessian as Celtic. In CUNLIFFE, Barry; KOCH, John T., eds. - *Celtic from the West: alternative perspectives from archaeology, genetics, language and literature*. Oxford: Oxbow, pp. 186–301.

KOCH, John T. (2011) - *Tartessian 2: the inscription of Mesas do Castelhinho; ro and the verbal complex; preliminaries to historical phonology*. Aberystwyth: University of Wales.

LOPES, Maria da Conceição (2003) - *A cidade romana de Beja: percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*. Coimbra: Universidade.

MATALOTO, Rui (2004) - *Um “monte” da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

MLH IV = UNTERMANN, Jürgen (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtko]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

PARREIRA, Rui (1983) - O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série. 1, pp. 149–168.

PEREIRA, Jorge Paulino (1976–1977) - A Gruta Natural da Salvé Rainha (Serra de Montejunto). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2–3, pp. 49–98.

REGO, Miguel (2001) - *Noudar (Barrancos): do Calcolítico à vila medieval*. Huelva: Universidad. Tese de Mestrado. Policopiado.

RIBEIRO, Elias Cação; FERREIRA, Octávio da Veiga (1971) - Acerca dos vasos com “janelas triangulares” do castro do Cerro Furado (Guadiana). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81:3–4, pp. 255–260.

RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2000) - La lectura de las inscripciones sudlusitano-tartessianas. *Faventia*. Barcelona. 22:1, pp. 21–48.

SANTOS, Filipe J. C.; ANTUNES, Ana Sofia; GRILLO, Carolina; DEUS, Manuela de (2009) - A necrópole da Idade do Ferro de Palhais, Beja. Resultados de uma intervenção de emergência no Baixo Alentejo. In PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio; ROMERO BOMBA, Eduardo, eds. - *Actas del IV Congreso de Arqueología del Suroeste (Aracena, 27–29 noviembre 2008)*. Huelva: Universidad, pp. 746–804.

SOARES, António M. Monge (1996) - Povoado da Misericórdia (margem esquerda do Guadiana, Serpa). Ocupações humanas e vestígios metalúrgicos. *Vipasca*. Aljustrel. 5, pp. 103–116.

SOARES, António M. Monge (2001) - O Castelo Velho de Safara: notícia preliminar. *Vipasca*. Aljustrel. 10, pp. 57–64.

SOARES, António M. Monge; BRAGA, José Rodrigues (1986) - Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no castelo de Serpa. *Arquivo de Beja*. Beja. Série 2. 3, pp. 167–198.

SOARES, António M. Monge; ANTUNES, Ana Sofia; DEUS, Manuela de; SOARES, Rui Monge; VALÉRIO, Pedro (2009) - A ocupação sidélica do Passo Alto (V.V. de Ficalho, Serpa). In PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio; ROMERO BOMBA, Eduardo, eds. - *Actas del IV Congreso de Arqueología del Suroeste (Aracena, 27–29 noviembre 2008)*. Huelva: Universidad, pp. 544–554.

SOARES, António M. Monge; MARTINS, José M. Matos (2010) - A cronologia absoluta para o Castro dos Ratinhos: Datas de Radiocarbono. In BERROCAL RANGEL, Luis; SILVA, António Carlos (2010) - *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura): escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004–2007*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 409–414.

SOARES, Rui Monge (2012) - *O Cabeço Redondo: um edifício da Idade do Ferro Pós-Orientalizante na Herdade do Metum (Moura)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado. Policopiado.

SOARES, Rui Monge; SOARES, António M. Monge (no prelo) - O Cabeço Redondo (Moura): um edifício monumental e singular na margem esquerda do Guadiana. In *Sidereum Ana III «El Río Guadiana y Tartessos» – (Mérida, 19–21 de setiembre 2012)*.

VALÉRIO, Miguel (2008) [2009] - Origin and development of the Paleohispanic scripts: the orthography and phonology of the Southwestern alphabet. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, pp. 107–138.

VALÉRIO, Pedro; SOARES, António M. Monge; ARAÚJO, Maria de Fátima; SILVA, Rui J. C.; SANTOS, Filipe J. C. (2013) - The distinctive grave goods from Palhais (Beja, Portugal). New insights into the metallurgical evolution under Orientalizing influence in the southwestern end of Iberia. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 70:2, pp. 361–371.